Ambiente
Gestão & Desenvolvimento
ISSN 1981-4127

Reexistência Negra na Amazônia: identidade e memória no *Coletivo Negras Matogrossenses*

Black Re-existence in the Amazon: identity and memory in the Coletivo *Negras Matogrossenses*

DOI: https://doi.org/10.24979/ambiente.v19i2.1882
Submissão: 01/10/26
Aprovação: 23/11/26

Claudia Miranda da Silva Moura Franco
https://orcid.org/0000-0001-5948-8467
Antonio Cesar Gomes da Silva
https://orcid.org/0000-0001-8351-0556

RESUMO

Este artigo analisa a trajetória do Coletivo Negras Matogrossenses, entidade sem fins lucrativos formada majoritariamente por mulheres negras atuantes na arte, na cultura, na educação e na comunicação, sediada em Sinop, na Amazônia Legal mato-grossense, desde sua criação, em 2020. Parte-se da pergunta sobre como as ações artístico-culturais e pedagógicas do Coletivo produzem e visibilizam narrativas negras sobre as amazônias, incorporando a presença e a memória de populações negras historicamente pouco representadas nos discursos sobre o território. O objetivo é discutir essa atuação como prática de letramento linguístico-literário antirracista. Trata-se de pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, cujo corpus é constituído pelo portfólio institucional do Coletivo, complementado por reportagens de acesso público. As iniciativas foram mapeadas cronologicamente, categorizadas segundo as linguagens mobilizadas e interpretadas à luz da Lei 10.639/2003, da colonialidade do poder (Quijano), da identidade cultural (Hall), das reflexões sobre memória e silenciamento (Kilomba), dos letramentos de reexistência (Souza) e do "tornar-

ISSN 1981-4127

se negro" (Sousa). Os resultados indicam cinco frentes articuladas de atuação — literatura e formação docente, performance e oralidade, artes visuais e fotografia, produção editorial e articulação institucional — e uma progressiva diversificação de linguagens e parcerias entre 2020 e 2025. Conclui-se que, no plano documental analisado, as práticas do Coletivo podem ser compreendidas como pedagogias antirracistas que disputam as narrativas sobre quem habita e representa as amazônias; seus efeitos sobre leitores e comunidades, contudo, demandam estudos de recepção.

Palavras-chave: Letramento antirracista. Colonialidade. Identidade cultural. Amazônia.

ABSTRACT

This article analyzes the trajectory of the Coletivo Negras Matogrossenses, a non-profit organization formed mainly by Black women working in art, culture, education and communication, based in Sinop, in the Legal Amazon of Mato Grosso, since its founding in 2020. The study asks how the Collective's artistic, cultural and pedagogical actions produce and make visible Black narratives about the Amazon regions, incorporating the presence and memory of Black populations historically underrepresented in discourses about the territory. Its aim is to discuss these actions as a practice of antiracist linguistic-literary literacy. This is a qualitative, bibliographic and documentary study whose corpus consists of the Collective's institutional portfolio, complemented by publicly available news reports. The initiatives were chronologically mapped, categorized according to the languages they mobilize and interpreted in light of Law 10.639/2003, the coloniality of power (Quijano), cultural identity (Hall), reflections on memory and silencing (Kilomba), literacies of re-existence (Souza) and "becoming Black" (Sousa). The results point to five interconnected fronts of action — literature and teacher education, performance and orality, visual arts and photography, editorial production and institutional articulation — and to a progressive diversification of languages and partnerships between 2020 and 2025. It is concluded that, at the documentary level analyzed, the Collective's practices can be understood as antiracist pedagogies that contest narratives about who inhabits and represents the Amazon regions; their effects on readers and communities, however, require reception studies.

Keywords: Antiracist literacy. Coloniality. Cultural identity. Amazon.

1 Introdução

A igualdade de acesso aos bens culturais e a melhores condições de vida constitui condição mínima para o desenvolvimento do potencial humano. Na prática, porém, esse acesso permanece desigual, sobretudo quando se observa que etnias, raças e culturas seguem sendo, com frequência, tema abordado nos espaços

ISSN 1981-4127

de formação escolar e acadêmica, e não posição autoral a partir da qual os próprios sujeitos narram suas existências. Reconhecer essa lacuna é o ponto de partida deste artigo, que se propõe a discutir de que modo práticas de letramento crítico e antirracista, forjadas fora dos muros da escola, contribuem para o desenvolvimento da consciência crítica, para a valorização da diversidade e para a desconstrução da objetificação do negro no Brasil, em suas diferentes vertentes regionais, a partir do posicionamento de sua própria voz.

O problema que orienta esta investigação diz respeito às ações artístico-culturais, pedagógicas e comunicacionais promovidas pelo Coletivo Negras Matogrossenses na Amazônia Legal e pode ser formulado da seguinte maneira: de que modo essas ações produzem e visibilizam narrativas negras sobre o território e em que medida podem ser compreendidas como práticas de letramento linguístico-literário antirracista? Interessa-nos, em especial, compreender a identidade e a cultura negras por meio de práticas formativas aliadas ao conhecimento das literaturas, das oralidades e das imagens produzidas por mulheres negras, tomando como objeto empírico o Coletivo Negras Matogrossenses.

Sediado em Sinop, município situado na Amazônia Legal mato-grossense, o Coletivo Negras Matogrossenses é formado principalmente por mulheres negras atuantes na arte, na cultura, na educação e na comunicação. Atualmente, compõem o Coletivo onze integrantes, sendo nove mulheres e dois homens. Desde sua criação, em 2020, o grupo tem como missão valorizar a história e a presença das mulheres negras no território mato-grossense, promovendo ações de formação, criação artística e memória (Coletivo Negras Matogrossenses, 2025). Ao longo de cinco anos de atuação, suas iniciativas combinam exposições de fotografia, poesia, coletâneas crítico-literárias, performance e oralidade, no intuito de visibilizar trajetórias, fortalecer redes e afirmar identidades negras, ampliando os discursos sobre o território amazônico e incorporando a presença e a memória de populações historicamente pouco representadas nesses discursos.

Compreender essa trajetória é também compreender os limites e as possibilidades de uma educação linguístico-literária antirracista pensada a partir da Amazônia, e não somente projetada sobre ela a partir de

ISSN 1981-4127

outros centros do país. Trata-se de um deslocamento epistemológico relevante: em vez de tomar a região amazônica exclusivamente pelas chaves indígena, ribeirinha ou ambiental, aspectos relevantes e já consagrados na produção acadêmica e midiática, nossa visão propõe reconhecer a experiência urbana das populações negras do norte mato-grossense, marcada por fluxos migratórios e pela colonização recente da região, como parte constitutiva das "amazônias", no plural.

A relevância científica e social deste trabalho decorre da urgência de enfrentar o racismo estrutural por meio da formação humana, pautada na criticidade, na ética e no plurilinguismo, reconhecendo a Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003) como marco legal que institui o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana como eixo de reparação epistêmica. Soma-se a esse aspecto o fato de que iniciativas como a Festa Literária Negras Mato-Grossenses (FESLIMN) e o projeto "(In)formação literária: leitoras e leitores em cena", idealizados e executados pelo Coletivo, têm alcançado, ao longo de cinco anos, redes de ensino, bibliotecas públicas e comunidades escolares de diferentes municípios, o que justifica sua sistematização em um estudo acadêmico que articule prática cultural e reflexão teórica.

Para tanto, o artigo está organizado em quatro partes, além desta introdução: a fundamentação teórica, que articula os conceitos de letramento literário, colonialidade do poder, identidade cultural, memória e subjetividade negra; a metodologia, de natureza qualitativa e documental; os resultados e a discussão, voltados ao mapeamento e à análise das práticas do *Coletivo Negras Matogrossenses* entre 2020 e 2025; e as considerações que retomam os objetivos e apontam caminhos para novas pesquisas.

2 Fundamentação teórica

2.1 Letramento literário e função da linguagem

O conhecimento do que é cultura e sociedade se dá por intermédio da linguagem, responsável por disseminar práticas sociais e saberes. Nessa direção, o letramento literário, segundo Cosson (2006), compreende a assimilação da literatura enquanto linguagem, como ato de internalizar aquilo que não conseguiríamos expressar senão por meio dela: uma ferramenta poderosa na organização das capacidades de

ISSN 1981-4127

comunicação e na aquisição de novos conhecimentos, capaz de aproximar leitura e cotidiano e de favorecer a compreensão dos fenômenos sociais e seus desdobramentos na construção da pessoa humana. Nesse sentido, Rajagopalan (2004, p. 35) adverte que:

> nunca é tarde demais para começar a fazer um exame de consciência e perguntar a nós mesmos se, por atos ou omissão, não nos desviamos da responsabilidade de ver a linguagem como um fenômeno social, com todas as implicações políticas e ideológicas que daí decorrem.

O convite do linguista para observar as velhas rotas de formação aponta a necessidade de assumir uma nova postura diante das antigas práticas de saber, compreendendo a linguagem e a aprendizagem como instrumentos fundamentais de compreensão das classificações raciais, de seus desdobramentos sociais e dos impactos culturais e históricos construídos por grupos dominantes.

Para Candido (1972), a literatura possui representatividade em relação às funções humanas, pois cumpre função psicológica, de fruição, e contribui para o consumo do que é ficção e fantasia, sobretudo na compreensão de objetos que extrapolam os limites do imaginário. Para além de um simples elemento pedagógico, ela "age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela" (Candido, 1972, p. 83). Compreendemos, assim, a literatura em seu papel formativo e fomentador do aprendizado de causas complexas, de modo profícuo e simbolicamente marcante — inclusive quando esse aprendizado se dá fora da escola, em coletivos culturais e comunitários.

Cabe precisar, contudo, o alcance do conceito. Em Cosson (2006), o letramento literário refere-se ao processo de apropriação da literatura enquanto linguagem, centrado na leitura do texto literário e em sua mediação. As práticas analisadas neste artigo, porém, mobilizam também performance, oralidade, fotografia e artes visuais. Para abarcá-las sem diluir o conceito, distinguem-se aqui duas dimensões: o letramento literário, em sentido estrito, quando a ação envolve a leitura, a escrita e a mediação de textos literários; e os letramentos de reexistência, nos termos de Souza (2011), que compreendem práticas de linguagem de diferentes naturezas — poesia, música, dança, grafite — por meio das quais sujeitos historicamente

ISSN 1981-4127

marginalizados ressignificam o lugar social que lhes foi atribuído. A expressão letramento linguístico-literário antirracista, adotada neste trabalho, designa a articulação entre essas duas dimensões.

2.2 Colonialidade do poder e a invenção da raça

A discussão sobre raça exige o diálogo com a perspectiva decolonial latino-americana. Quijano (2005, p. 107) lembra que "a ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América": foi a partir da construção de diferenças fenotípicas entre colonizadores e colonizados que se erigiu a ideia de raça e, por consequência, a subalternidade nas relações sociais. Do ponto de vista quijaniano, a invenção da ideia de raça, enraizada nos contextos de colonização, contribuiu para a ideia de subalternidade que conhecemos hoje, pois é por ela que somos lidos, socializados e privilegiados (Nascimento, 2025).

Encontramos no pensamento de Quijano (2005) uma chave para compreender a instauração do poder colonial, sustentado pelo discurso da raça. Posto em prática, esse conceito validou a ideia de inferioridade e legitimou as relações entre dominantes e dominados, tornando-se, como assegura o autor, um instrumento eficaz e durável de dominação: os colonizados foram hierarquizados como seres inferiores em razão de suas culturas e de seus traços fenotípicos. O conceito de raça "[...] converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade" (Quijano, 2005, p. 118).

Tais construções, revestidas de preconceito, carecem de letramento literário e do reposicionamento de formações discursivas pautadas na construção de uma nova identidade cultural negra, capaz de transformar a história do povo negro brasileiro e, em particular, amazônico. Essa identidade não deve ser tomada como algo fixo ou dado a priori. Ao contrário, conforme Hall (2006), a identidade cultural é uma construção plural, posicional, histórica e inacabada, produzida no interior de relações de poder e de discurso, e não uma essência anterior a elas.

ISSN 1981-4127

Pensar a identidade negra amazônica, portanto, é reconhecê-la como processo em disputa, permanentemente reelaborado pelas próprias sujeitas e sujeitos negros por meio de suas práticas culturais, discursivas e políticas.

2.3 Memória, silenciamento e letramentos de reexistência

A essa reflexão somam-se as contribuições de Kilomba (2019) sobre memória, silenciamento e epistemicídio, que evidenciam o deslocamento histórico dos corpos negros, sobretudo os femininos, do lugar de sujeitos do discurso para o lugar de objetos discursivos, silenciados por narrativas coloniais e patriarcais. Para Kilomba (2019, p. 33):

> Há uma máscara da qual eu ouvi falar muitas vezes durante minha infância. A máscara que Anastácia era obrigada a usar. Os vários relatos e descrições minuciosas pareciam me advertir que aqueles não eram meramente fatos do passado, mas memórias vivas enterradas em nossa psique, prontas para serem contadas. Hoje quero recontá-las. Quero falar sobre a máscara do silenciamento. Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os "Outras/os": Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar?

ISSN 1981-4127

É desse lugar — o de quem pergunta quem pode falar e o que acontece quando falamos — que nasce o desejo de se "aquilombar", no intuito de provocar ruídos até alcançar a reversão do processo de silenciamento. Esse processo evidencia como as instituições sociais, culturais e até mesmo educacionais atuam para manter uma "amnésia seletiva" em relação à escravidão e a seus efeitos. Tal apagamento não é um acidente da história: funciona como mecanismo deliberado, de efeito estruturante e devastador, que afasta o enfrentamento da violência, da opressão e da exploração que atravessam as relações sociais brasileiras. Ao se recusar o direito à memória às vítimas da escravidão, por exemplo, recusam-se também as possibilidades de reparação e de justiça, o que perpetua o silêncio e a invisibilização de suas consequências.

Reverter esse deslocamento pressupõe reposicionar as mulheres negras como sujeitas de fala e de memória, o que também se relaciona ao conceito de letramentos de reexistência proposto por Souza (2011), entendidos como práticas de linguagem, seja pela poesia, grafite, música ou dança, que ressignificam o lugar social atribuído a sujeitos historicamente marginalizados. Interseccionar essas categorias — raça, gênero e território — é condição para compreender coletivos como o Negras Matogrossenses, situados na confluência entre a luta antirracista e a afirmação de uma Amazônia habitada, narrada e representada por corpos negros.

2.4 Subjetividade negra, Ideal do Ego e o "tornar-se negro"

Se as seções anteriores discutem a colonialidade e a identidade no plano histórico e discursivo, é preciso também atravessar o plano da subjetividade, tal como proposto por Sousa (1983) em *Tornar-se negro*. A autora parte da constatação de uma lacuna: a quase ausência, na produção acadêmica brasileira, de "um discurso do negro sobre o negro" a respeito de sua própria emocionalidade. Sua tese central é a de que a ascensão social do sujeito negro numa sociedade de valores brancos tem um custo emocional — o que a autora chama de massacre, mais ou menos dramático, da identidade original.

Sousa (1983) descreve um tripé que sustenta as relações raciais no Brasil — o contínuo de cor, a ideologia do embranquecimento e o mito da democracia racial, responsável por fabricar a ascensão social como projeto estritamente individual. A esse tripé associa-se o que a autora chama de mito negro: apoiada

ISSN 1981-4127

nas noções de mito em Barthes e Lévi-Strauss, ela mostra que representações como irracionalidade, hipersensibilidade e exotismo foram fabricadas para justificar, ideologicamente, a inferioridade atribuída ao negro após o fim da escravidão, sendo introjetadas desde a infância e reproduzidas pelo próprio sujeito negro.

No plano psicanalítico, Sousa (1983) distingue Ideal do Ego — instância simbólica, ligada à Lei e à cultura — de Ego Ideal, registro imaginário e onipotente, para sustentar que "o negro de quem estamos falando é aquele cujo Ideal de Ego é branco": um modelo psíquico inatingível por definição, pois exige negar a própria condição racial. Dessa tensão estrutural decorrem, para a autora, duas saídas genéricas — a melancolia, marcada por sentimentos de culpa e insuficiência, ou a luta política, que supõe a construção de um novo Ideal do Ego ancorado na própria história do sujeito negro.

A tese que fecha o livro de Sousa (1983) é especialmente produtiva para este artigo: "ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro." Lida à luz dessa formulação, a atuação de coletivos culturais como o Negras Matogrossenses pode ser compreendida como uma resposta coletiva, pedagógica e artística ao dilema psíquico descrito pela autora: em vez do caminho individual da assimilação ao Ideal de Ego branco — ou de seu reverso melancólico —, o Coletivo oferece um espaço de construção compartilhada de um Ideal de Ego negro, ancorado na literatura, na performance, na fotografia e na oralidade produzidas pela e para a própria comunidade negra amazônica.

3 Metodologia

Trata-se de pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, orientada pelos princípios do letramento literário crítico e da perspectiva decolonial. O universo da pesquisa é constituído pelas ações do Coletivo Negras Matogrossenses ao longo de seus cinco anos de existência (2020–2025). O corpus principal é o portfólio institucional Memória, cultura e identidade negra em Mato Grosso (Coletivo Negras Matogrossenses, 2025), documento que reúne a apresentação do grupo, suas linhas de atuação, seus principais projetos e ações, sua produção editorial, seus reconhecimentos e parcerias institucionais, além de registros fotográficos das atividades realizadas no período.

ISSN 1981-4127

A esse corpus somam-se materiais midiáticos de acesso público — reportagens veiculadas no portal Momento MT (As vozes..., 2025; Coletivo Negras Mato-Grossenses..., 2025) e no site oficial da Prefeitura de Sinop —, utilizados como fontes complementares. O cotejo entre o documento institucional e a cobertura jornalística teve a finalidade de contrastar a autorrepresentação do Coletivo com o modo como sua atuação é descrita por atores externos: informações sobre datas, locais, parcerias e público foram consideradas confirmadas quando presentes nos dois tipos de fonte e atribuídas apenas ao portfólio quando nele exclusivas, distinção indicada ao longo da seção de resultados.

O procedimento de análise organizou-se em três etapas: (1) o mapeamento cronológico das principais iniciativas do Coletivo, de sua fundação até o presente; (2) a categorização dessas iniciativas segundo as linguagens mobilizadas — literatura e formação docente, performance e oralidade, artes visuais e fotografia, produção editorial e articulação institucional —; e (3) a interpretação dessas categorias à luz do referencial teórico apresentado na seção anterior, buscando identificar de que modo tais práticas operam como pedagogias decoloniais e antirracistas na Amazônia mato-grossense. Na primeira etapa, os documentos foram lidos integralmente e as informações referentes a cada ação (ano, título, linguagem predominante, local, parceiros, público e fonte) foram registradas em uma matriz de análise, que deu origem ao Quadro 1.

Por se tratar de levantamento documental sobre a produção de um coletivo já constituído, não foram aplicados instrumentos de coleta de dados junto a sujeitos individuais, tampouco houve manipulação de variáveis; a análise incidiu sobre discursos e materiais já publicizados, respeitando a autoria coletiva das iniciativas descritas. Quanto aos registros fotográficos, foram selecionadas do portfólio as imagens que documentam diretamente ações discutidas na seção de resultados (Figuras 1 a 3). Elas são utilizadas como evidência documental da realização das atividades — permitindo identificar formato, local, público e materiais de divulgação —, e não como objeto de análise visual aprofundada. Sua reprodução foi autorizada pelo Coletivo, e as legendas indicam o evento, a data e a fonte de cada registro.

4 Resultados e discussão

ISSN 1981-4127

O levantamento documental permite identificar que o Coletivo Negras Matogrossenses articula, desde 2020, cinco frentes principais de atuação: literatura e formação docente, performance e oralidade, artes visuais e fotografia, produção editorial e articulação institucional, que se combinam de modo a compor uma pedagogia própria, construída fora da instituição escolar, mas em diálogo constante com ela. Essa combinação de linguagens remete à distinção proposta na seção 2.1: as ações centradas na leitura e na mediação de textos literários situam-se no campo do letramento literário (Cosson, 2006), ao passo que as práticas de performance, oralidade e artes visuais aproximam-se dos letramentos de reexistência (Souza, 2011). As subseções a seguir apresentam essas frentes de atuação e as discutem à luz do referencial teórico adotado.

4.1 Trajetória do Coletivo Negras Matogrossenses (2020-2025)

Sediado em Sinop (MT) e formado principalmente por mulheres negras atuantes na arte, na cultura, na educação e na comunicação, o Coletivo Negras Matogrossenses tem como missão valorizar a história e a presença das mulheres negras no território mato-grossense (Coletivo Negras Matogrossenses, 2025). O Quadro 1 sintetiza, de forma cronológica, as principais ações mapeadas no portfólio institucional do grupo, evidenciando a diversificação progressiva de linguagens e parcerias ao longo dos cinco anos considerados.

Quadro 1. Síntese cronológica das principais ações do Coletivo Negras Matogrossenses (2020-2025)

Ano	**Ação/Projeto**	**Eixo predominante**	**Alcance e observações (segundo o portfólio)**
2020	Fundação do Coletivo e 1ª edição da FESLIMN	Literatura	Reuniu escritores, educadores e a comunidade em torno de debates sobre literatura, identidade e representatividade.
2021	2ª edição da FESLIMN	Literatura e formação	Ampliou o alcance do evento e o consolidou como espaço de intercâmbio cultural e formação cidadã.
2022	Noite Cultural de Literatura Negra	Performance, oralidade e artes visuais	Realizada na Biblioteca Municipal de Sinop, com apresentações artísticas, poesia, música e exposições.

ISSN 1981-4127

2023–2024	Projeto “(In)formação literária: leitoras e leitores em cena”	Formação docente	Curso de 40 horas em formato híbrido; ampliação do acervo de autores negros; produção de vídeos informativos.
2024	Formação continuada “Educação inclusiva e diversidade”	Formação docente	Realizada em 11 de julho, em parceria com Ceforme, CMEEIS, Neab Encrespar/UNEMAT e GEPEEADEN.
2024	3ª edição da FESLIMN	Literatura e economia criativa	Ações em escolas, palestras, feira criativa, exposição artística, concurso literário e publicação de e-book; público de diferentes municípios e estados.
2024	Encontros de ancestralidade: literatura e resistência	Oralidade e escrita criativa	Rodas de conversa e oficinas de escrita criativa em escolas públicas; mais de 250 estudantes participantes.
2024	Exposição “Pintando Vozes Negras”	Artes visuais e fotografia	Mostra de artista negra de Sinop sobre ancestralidade, corpo e território; mais de 500 visitantes.
2025	Saraus literários e rodas de leitura	Literatura e oralidade	Encontros em Sinop e outros municípios, com declamação de poemas, leitura de autoras e autores negros e debates.
2025	Palestras e oficinas formativas	Formação e direitos humanos	Temas: enfrentamento ao racismo, cultura afro-brasileira, proteção das mulheres, incentivo à leitura, direitos humanos e cidadania.

Fonte: elaborado pelos autores a partir de Coletivo Negras Matogrossenses (2025).

O mapeamento evidencia uma trajetória de ampliação: se a primeira edição da FESLIMN, em 2020, reuniu principalmente escritores, educadores e a comunidade local em torno de debates sobre literatura, identidade e representatividade, a terceira edição, em 2024, já promovia ações em escolas, palestras, feira criativa, exposição artística, concurso literário e publicação de e-book, ampliando sua visibilidade para participantes de diferentes municípios de Mato Grosso e de outros estados brasileiros (Coletivo Negras

ISSN 1981-4127

Matogrossenses, 2025). Segundo o portfólio, essa ampliação indica a consolidação da FESLIMN como espaço de valorização da literatura negra e de articulação com a economia criativa local; a aferição de seus efeitos econômicos e sobre o turismo cultural, contudo, exigiria dados que extrapolam o corpus desta pesquisa.

4.2 Literatura e formação docente antirracista

Na frente literária, o Coletivo tem investido na ampliação e divulgação de autoria negra produzida em Mato Grosso, favorecendo o acesso a produções que raramente circulam nos currículos escolares. A Festa Literária Negras Mato-Grossenses (FESLIMN), criada em 2020, é o principal instrumento dessa frente: concebida com a missão de promover a literatura negra, fortalecer a educação antirracista e valorizar a cultura afro-brasileira, a festa consolidou-se, ao longo de três edições, como espaço de formação de leitores e de difusão de produções literárias (Coletivo Negras Matogrossenses, 2025) (Figura 1).

A inserção de obras de autoria negra nos espaços escolares não deve ser compreendida apenas como ampliação quantitativa do repertório de leitura: há uma alteração qualitativa na própria experiência de formação do leitor quando crianças, jovens e educadores encontram, na literatura, sujeitos negros não apenas como personagens observados, mas também como produtores de linguagem, memória, imaginação e conhecimento. Nesse sentido, a presença dessas obras desloca o lugar historicamente reservado à população negra no currículo, ampliando as possibilidades de identificação, pertencimento e reconhecimento cultural. Retomando a formulação de Sousa (1983), discutida na seção 2.4, segundo a qual ser negro é um processo de tornar-se, a literatura pode participar dessa construção identitária, principalmente quando possibilita ao sujeito negro reconhecer-se também como produtor de discursos e de representações.

Essa perspectiva exige compreender a mediação literária como prática formativa, pois disponibilizar o livro é importante, mas não suficiente: é preciso criar condições para que sua leitura produza o diálogo, o questionamento e a elaboração de sentidos. O trabalho desenvolvido pelo Coletivo Negras Matogrossenses aproxima, dessa forma, literatura e educação antirracista não pela utilização instrumental da obra literária como veículo simples de conteúdos sobre racismo, mas pelo reconhecimento da literatura como experiência

ISSN 1981-4127

estética com possibilidade de tensionar imaginários, ampliar repertórios culturais e possibilitar outras formas de compreender a si mesmo e ao outro. Retoma-se aqui a compreensão de Candido (1972), apresentada na seção 2.1, de que o potencial formativo da literatura ultrapassa uma utilização meramente didática e conteudista.

Num território amazônico marcado por diferentes processos migratórios e pela construção relativamente recente de muitas de suas cidades, essa dimensão adquire importância particular. A circulação de escritoras e escritores negros locais contribui para que a própria região seja narrada por sujeitos historicamente pouco presentes nas representações hegemônicas sobre a Amazônia. Nos termos das perguntas formuladas por Kilomba (2019, p. 33) — quem pode falar, o que acontece quando falamos e sobre o que podemos falar —, a presença de autoras e autores negros amazônicos desloca-os da condição de objetos do discurso para a de sujeitos que narram a si mesmos, suas experiências e seus territórios. Desse modo, contribui-se para formar não somente um público leitor, mas também uma comunidade de leitura capaz de reconhecer a produção literária negra como parte constitutiva da memória cultural do norte mato-grossense.

Complementar à FESLIMN, o projeto "(In)formação literária: leitoras e leitores em cena" propôs ações de formação literária antirracista voltadas a educadores e comunidades escolares, com ampliação do acervo de autores negros, oferta de curso de 40 horas em formato híbrido e produção de vídeos informativos, buscando fortalecer práticas pedagógicas libertárias e o protagonismo das vozes negras na literatura (Coletivo Negras Matogrossenses, 2025).

Figura 1. Materiais de divulgação e registros de atividades das edições de 2020 e 2021 da FESLIMN: cartazes das duas edições, lançamento de livros, transmissões ao vivo, roda de conversa sobre saúde mental da população negra, encontros presencial e virtual e quadros de vídeos da série "Por uma educação linguístico-literária antirracista em Mato Grosso"

ISSN 1981-4127



Fonte: Acervo do Coletivo Negras Matogrossenses, reproduzido de Coletivo Negras Matogrossenses (2025).

Esse desenho formativo dialoga diretamente com o letramento linguístico-literário antirracista, no intuito de formar não apenas leitoras e leitores, mas também mediadoras e mediadores capazes de constituir, na escola, práticas de leitura que rompam com o silenciamento histórico da autoria negra.

Em 2024, essa frente formativa ganhou novo desdobramento com a formação continuada “Educação inclusiva e diversidade”, ministrada por Joice Ribeiro, Flávio Penteado e Maicon Salustiano em 11 de julho, em parceria com o Ceforme, o CMEEIS, o Neab Encrespar/UNEMAT e o GEPEEADEN.

Figura 2. Formação continuada “Educação inclusiva e diversidade” (11 jul. 2024): registro de vídeo de mediação de leitura, abertura da formação no Centro de Formação da rede municipal de Sinop, formadores e participantes e exposição de livros de autoria negra.

ISSN 1981-4127



Fonte: Acervo do Coletivo Negras Matogrossenses, reproduzido de Coletivo Negras Matogrossenses (2025).

A formação discutiu práticas inclusivas e o papel da escola diante da diversidade étnica e cultural na rede pública (Coletivo Negras Matogrossenses, 2025), reafirmando o caráter interinstitucional da atuação do Coletivo, que articula universidade, secretarias municipais de educação e movimento social em torno de uma agenda comum de formação docente antirracista.

4.3 Performance, oralidade e memória

A performance e a oralidade atualizam saberes corporais e orais historicamente transmitidos entre gerações negras, funcionando como estratégia de transmissão de memória que escapa ao registro exclusivamente escrito, uma característica preponderante quando falamos de ancestralidade e saberes transgeracionais. Em 2022, a Noite Cultural de Literatura Negra, realizada na Biblioteca Municipal de Sinop, reuniu apresentações artísticas, performances, poesia, música e exposições de artistas negras locais, buscando promover o encontro entre gerações e fortalecer a presença da cultura afro-brasileira no espaço público (Coletivo Negras Matogrossenses, 2025) (Figura 3).

Já os "Encontros de ancestralidade: literatura e resistência", realizados em 2024 em escolas públicas por meio de rodas de conversa e oficinas de escrita criativa, reuniram, segundo o portfólio, mais de 250 estudantes, com o propósito declarado de fortalecer a autoestima de crianças e jovens negros e de introduzir

ISSN 1981-4127

referências da literatura afro-brasileira no ambiente escolar (Coletivo Negras Matogrossenses, 2025). Em 2025, essa frente se consolidou por meio de saraus literários e rodas de leitura realizados em Sinop e em outros municípios, combinando declamação de poemas, leitura de textos de autoras e autores negros, debates sobre identidade, ancestralidade e resistência, e a participação de estudantes, educadores e comunidade.

Figura 3. Noite Cultural de Literatura Negra (Biblioteca Municipal de Sinop, 9 jun. 2022): cartaz com a programação do evento e registros dos participantes, da exposição de artesanato e de obras de artes visuais



Fonte: Acervo do Coletivo Negras Matogrossenses, reproduzido de Coletivo Negras Matogrossenses (2025).

Lidas à luz de Souza (2011), essas práticas aproximam-se do que a autora denomina letramentos de reexistência: poesia falada, rodas de conversa e apresentações artísticas tornam-se formas de reexistir, isto é, de reafirmar presença onde a norma discursiva insistiu em produzir ausência. Nesse sentido, os Encontros de ancestralidade e os saraus literários do Coletivo podem ser lidos, também, como uma resposta coletiva ao que Sousa (1983) descreve como o risco do isolamento e da melancolia diante de um Ideal de Ego branco inatingível: ao construir espaços de fala e de escuta entre pares negros, essas ações propõem um circuito alternativo de legitimação identitária, sustentado pela comunidade e não pela aprovação individual dos padrões dominantes.

ISSN 1981-4127

4.4 Artes visuais e fotografia

Nas ações voltadas às artes visuais e fotografia, destaca-se a exposição “Pintando Vozes Negras”, mostra que apresentou obras de uma artista negra de Sinop, refletindo sobre ancestralidade, corpo e território. Segundo o portfólio, a mostra recebeu mais de 500 visitantes (Coletivo Negras Matogrossenses, 2025) e integra o esforço do grupo de constituir um arquivo visual da presença negra na região amazônica.

Essa produção de arquivo pode ser lida, à luz de Kilomba (2019), como resposta ao silenciamento e ao epistemicídio: fotografar, pintar, narrar e publicar podem ser compreendidos como atos de reposicionamento discursivo, que devolvem às mulheres negras o lugar de sujeitas — e não apenas de objetos — do olhar e da fala sobre o território. Do ponto de vista da colonialidade do poder (Quijano, 2005), a produção imagética do Coletivo pode ser interpretada como contradiscurso à naturalização de uma Amazônia branqueada pelo colonialismo, na qual a presença negra é apagada ou subsumida.

O Coletivo Negras Matogrossenses possui, ainda, trajetória consolidada no campo editorial, com publicações que unem literatura, crítica e práticas pedagógicas antirracistas, ao lado de livros autorais de suas integrantes, conforme sintetiza o Quadro 2.

Quadro 2. Produção editorial institucional e autoral do Coletivo Negras Matogrossenses

Natureza do material	**Título, autoria e ano**
Coletânea institucional	Nós e os Outros: por uma educação linguístico-literária antirracista na educação básica — [2023] – Coletivo *Negras Matrogrossenses*
Texto teórico-científico institucional	Por uma educação linguístico-literária antirracista na educação básica — [2025] - Coletivo *Negras Matrogrossenses*
Material de formação	Lei 10.639/03 – Por uma educação antirracista: caminhos trilhados no curso de Práticas Pedagógicas - Coletivo *Negras Matrogrossenses* Antirracistas – Rede MT Ubuntu — registro do curso ministrado por integrantes do Coletivo, [2024]
Coletânea institucional	Narrativas Insubmissas — [2021]

ISSN 1981-4127

Obra autoral de integrante	Lila, Lolô e as coisas miúdas — [Franco], [2025]
Obra autoral de integrante	Que dia o dia dorme? — [Faria], [2025]
Obra autoral de integrante	Nas margens da vida — [Silva], [2024]
Obra autoral de integrante	Moenda — [Franco], [2021]
Obra autoral de integrante	A epopeia do esquecimento — [Silva], [2025]

Fonte: elaborado pelos autores a partir de Coletivo Negras Matogrossenses (2025).

Essa produção editorial articula-se a um conjunto de reconhecimentos e parcerias que atestam a legitimidade institucional conquistada pelo Coletivo ao longo de cinco anos: participação em editais culturais municipais e estaduais; parceria com a UNEMAT, a Secretaria de Cultura (Secel) e outros coletivos locais; indicação no Mapa Cultural de Mato Grosso; apoio e participação em eventos de mulheres negras e festivais comunitários; e a concessão, pela Câmara Municipal de Sinop, de moção de aplauso ao grupo (Coletivo Negras Matogrossenses, 2025).

A repercussão do trabalho do Coletivo ultrapassa, ainda, os limites de seus próprios canais de divulgação, sendo tema de reportagens veiculadas em portais de notícias regionais, que descrevem sua atuação em cinco anos marcados por resistência, empoderamento e educação antirracista (Coletivo Negras Mato-Grossenses..., 2025) e destacam as vozes literárias negras que "ecoam no Nortão" mato-grossense (As vozes..., 2025). Essa cobertura midiática, somada às parcerias institucionais, evidencia um processo de legitimação pública que supera o campo estritamente cultural e adentra o político-institucional, conferindo ao Coletivo um lugar de fala reconhecido nas discussões sobre educação, cultura e direitos humanos em Mato Grosso.

4.5 Discussão teórica integrada: reexistência como resposta coletiva

A leitura conjunta dos dados apresentados nas subseções anteriores permite retomar, de modo integrado, o referencial teórico proposto na seção 2. Do ponto de vista da colonialidade do poder (Quijano, 2005), a atuação do Coletivo evidencia que há múltiplas formas de habitar, narrar e pertencer ao território

ISSN 1981-4127

amazônico, entre as quais a experiência das populações negras urbanas do norte mato-grossense — região marcada por fluxos migratórios, colonização recente e forte presença de comunidades negras muitas vezes invisibilizadas nas narrativas regionais dominantes.

Do ponto de vista da identidade cultural, a leitura de Hall (2006) mostra-se produtiva: não se trata de recuperar uma identidade negra amazônica fixa e anterior, mas de produzi-la continuamente, de modo posicional e relacional, por meio de cada oficina, publicação, fotografia ou performance mapeada neste trabalho. É nesse processo contínuo de produção identitária, articulada a uma pedagogia crítica da linguagem, que reside uma das principais contribuições do Coletivo Negras Matogrossenses para o letramento antirracista na Amazônia mato-grossense.

Por fim, relida à luz de Sousa (1983), a trajetória do Coletivo aponta uma inflexão importante em relação ao dilema individual descrito pela autora entre a melancolia e a luta política: ao transformar o "tornar-se negro" em projeto coletivo — sustentado por uma rede de mulheres, por publicações próprias, por parcerias institucionais e por reconhecimento público —, o grupo desloca essa luta do plano exclusivamente individual para o plano comunitário e político, buscando oferecer a crianças, jovens, educadoras e educadores um repertório de referências negras que dificilmente encontrariam apenas na escola.

5 Considerações finais

Este artigo teve como objetivo discutir a atuação do Coletivo Negras Matogrossenses como prática de letramento linguístico-literário antirracista na Amazônia mato-grossense, tomando como referência teórica a Lei 10.639/2003, a noção de colonialidade do poder em Quijano, a identidade cultural em Hall, as reflexões de Kilomba sobre memória e epistemicídio e a tese de Sousa sobre o "tornar-se negro" como projeto psíquico e político. O levantamento documental das ações do Coletivo ao longo de seus cinco anos de existência permitiu identificar cinco frentes articuladas — literatura e formação docente, performance e oralidade, artes visuais e fotografia, produção editorial e articulação institucional — que podem ser lidas, em conjunto, como pedagogia decolonial e antirracista.

ISSN 1981-4127

Os documentos analisados evidenciam uma trajetória de ampliação: da primeira edição da FESLIMN, em 2020, centrada no debate literário local, à constituição, em 2025, de uma rede de parcerias que envolve escolas públicas, universidade, secretarias municipais, Câmara Municipal e imprensa regional. Essa trajetória é compatível com a hipótese de que práticas culturais comunitárias podem operar como espaço de letramento antirracista, especialmente em regiões amazônicas onde a presença negra segue pouco representada nas narrativas oficiais sobre o território. A verificação de seus efeitos formativos, contudo, exige procedimentos que ultrapassam a análise documental aqui empreendida.

Conclui-se que as práticas de formação, de memória e de produção editorial do Coletivo Negras Matogrossenses, tal como documentadas, configuram iniciativas que buscam ampliar e disputar as narrativas sobre quem habita e representa as amazônias, reposicionando mulheres negras como sujeitas de discurso sobre o próprio território. Como limitação deste estudo, aponta-se o recorte documental da pesquisa, que não incluiu entrevistas diretas com as integrantes do Coletivo nem a análise sistemática do acervo fotográfico completo do grupo; as imagens reproduzidas neste artigo foram utilizadas como registro documental das ações, e não como objeto de análise visual aprofundada. Sugere-se, ainda, como caminho para pesquisas futuras, a realização de entrevistas com as integrantes e de estudos de recepção junto a professoras, professores e estudantes participantes das oficinas promovidas pelo grupo, de modo a verificar os efeitos formativos — na formação de leitores, na construção de identidades e no enfrentamento do silenciamento histórico — dessas práticas na educação básica da região amazônica.

Referências

AS VOZES literárias negras que ecoam no Nortão. **Momento MT**, Sinop, 2025. Disponível em: https://momentomt.com.br/artigos/as-vozes-literarias-negras-que-ecoam-no-nortao/. Acesso em: 14 set. 2026.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a

ISSN 1981-4127

obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972.

COLETIVO NEGRAS MATOGROSSENSES. **Portfólio**: memória, cultura e identidade negra em Mato Grosso. Sinop: Coletivo Negras Matogrossenses, 2025. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1JsRV1GDOx1DrFXOUmRxRRh5P9xRLHB7z/view?usp=sharing]. Acesso em: [19.11.2026].

COLETIVO NEGRAS MATO-GROSSENSES atua há cinco anos com resistência, empoderamento e educação antirracista. **Momento MT,** Sinop, 2025. Disponível em: https://momentomt.com.br/momento-destaque/coletivo-negras-mato-grossenses-atua-a-cinco-anos-com-resistencia-empoderamento-e-educacao-antirracista/. Acesso em: 14 set. 2026.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 107-130.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Línguas nacionais como bandeiras patrióticas, ou a linguística que nos deixou na mão: observando mais de perto o chauvinismo linguístico emergente no Brasil. In: SILVA, Fábio Lopes da; RAJAGOPALAN, Kanavillil (org.). **A linguística que nos faz falhar**: investigação científica. São Paulo: Parábola, 2004.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola, 2011.